



COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

A criação do mundo para os mesopotâmicos

Para os mesopotâmicos, o cosmos era algo muito real, tão real quanto as forças que o ameaçavam.

No início segundo a mais antiga visão de mundo mesopotâmica, nada havia além do oceano salgado, primordial, ilimitado. Depois o oceano gerou o céu e a terra, vinculados entre si. Um deus forçou a separação deles e assim criou este mundo ou universo que passou a se assentar, imerso, em meio ao oceano primordial. O mundo consistia da terra, imaginada como uma travessa plana com a borda corrugada de montanhas; acima dela, a abóbada do céu, apoiando-se sobre as montanhas e sustentada pela atmosfera, com corpos astrais movendo-se ao longo dela; abaixo da terra, uma massa de água doce, chamada de *abzu* ou *apsu* (de onde se originou a palavra “abismo”); e, ainda mais para baixo, sob o *abzu*, havia outro hemisfério, o mundo inferior, onde viviam os espíritos dos mortos.

Por volta do terceiro milênio, o mundo todo era visto como um Estado. Sobre a superfície da terra, este mundo não se estendia além da Mesopotâmia e das nações com quem esta mantinha relações. A Mesopotâmia, e sobretudo sua capital – Babilônia para os babilônicos, e, provavelmente Nipur, para os sumérios – era o eixo do mundo, o qual era governado por deuses e deusas mesopotâmicos.

Muitas dessas divindades representavam originalmente aspectos da natureza. Além disso, funcionavam como patronos individuais das diversas cidades-Estado que se desenvolveram na Suméria no final do quarto milênio e início do terceiro. Mais tarde houve uma mudança de ênfase: todas as divindades foram organizadas em um único panteão estruturado hierarquicamente – o qual, ampliado, seria depois adotado por babilônicos e assírios. Em todos os seus aspectos, o panteão revelava uma preocupação com a ordem – tanto a da sociedade como a da natureza – em todo mundo.

Originalmente o deus mais graduado era a divindade tutelar da cidade de Uruk, chamado **An** em sumério. Seu nome era a palavra suméria que designava o céu, e de fato ele era um deus celeste: a chuva estava associada a ele, assim como as constelações mutáveis e, por intermédio delas, as épocas do ano com seus respectivos trabalhos e festivais. **An** era o pai de todas as coisas: havia gerado plantas e árvores e os deuses eram seus filhos, assim como os demônios. **An** controlava tudo na natureza e na sociedade. Sob seu comando, todas as coisas seguiam pelo caminho apropriado. Foi a vontade dele que extraiu do caos a existência e instaurou a ordem no mundo. Majestoso e remoto representava a autoridade absoluta – e toda autoridade, divina ou humana, originava-se dele, como o sabiam os próprios deuses. Quase tão poderoso quanto **An** era o deus **Enlil**, uma figura de extraordinária complexidade. Patrono da cidade de Nipur e deus do vento era a potência que originalmente havia separado o céu da terra, criando assim o mundo. Também era ele a força que sustinha os ritmos da natureza e propiciava abundância e prosperidade à terra. Graças a ele cresciam as plantações, reproduziam-se os animais, os peixes e as aves, mantinham-se cheios de água os canais. A vida da sociedade também se devia a ele: sem a permissão de **Enlil** nenhuma cidade podia ser fundada ou habitada, nenhum curral de gado ou redil de ovelhas podia ser construído, nenhum rei, senhor, sacerdote ou general podia ser nomeado. **Enlil**, porém não era uma divindade puramente benévola. Se, como senhor do úmido vento da primavera, era amigo do agricultor, como senhor do vento tempestuoso era uma figura temível, implacável executor de toda destruição decretada pelos deuses. No final o papel de **Enlil** se tornou quase tão abrangente quanto o de **An**. Enquanto **An** era o senhor do céu, **Enlil** era o senhor da terra e o deus nacional da Suméria.

Logo abaixo de **An** e de **Enlil** estava o deus **Enki** – o deus tutelar de Eridu – e a deusa **Ninhursaga**. Cabia a **Enki** realizar as decisões de **An** e de **Enlil**, organizar o mundo como cidade-Estado e mantê-lo em bom estado de funcionamento. Estreitamente associado a água doce, **Enki** definiu os regimes do Tigre e do Eufrates, encarregando um deus de cuidar dos canais e outro de garantir que os pântanos ficassem repletos de peixes e juncos. Também organizou as chuvas e determinou que um terceiro deus cuidasse delas. Deus da inteligência e da sabedoria, patrocinava as artes e os ofícios, a ciência, a literatura e a magia benéfica. Quanto a **Ninhursaga** – conhecida como “*senhora do ventre*” e “*senhora das formas*” – era a mãe

de todas as coisas vivas, “a mãe de todas as crianças”. Encarregada da proliferação dos rebanhos e da perpetuação da humanidade, seu lugar era ao lado de **An**, **Enlil** e **Enki** como uma das principais divindades. Em seus papéis como governantes do mundo, **An** e **Enlil** tinham um representante muito eficaz no **deus-sol** chamado pelos sumérios de **Utu**. Sua tarefa específica era a manutenção de um princípio ao qual os sumérios e semitas atribuíam grande importância e que designavam por termos que significavam “*retidão*”, “*correção*”, “*verdade*” e também “*justiça*”.

Ainda que **An**, **Enlil**, **Enki**, **Ninhursaga** e **Utu** fossem os principais responsáveis pela manutenção da ordem cósmica, também havia uma multidão de deuses e deusas menores, encarregados de cuidar de determinada cidade ou então, a pedido de **Enki**, de determinado aspecto do mundo. Cada uma dessas divindades governava seu domínio por meio de uma ou mais entidades que os sumérios chamavam de *me*. Embora o termo *me* não possa ser traduzido adequadamente por nenhuma palavra das línguas modernas, temos uma ideia geral de seu significado para os mesopotâmicos. Um *me* atuava como uma regra, uma lei ou um decreto, regulamentando um elemento específico na sociedade ou civilização. Durante a criação do mundo, **An** reuniu todos os *mês* e colocou-os sob os cuidados de outros deuses, seus filhos.

De vez em quando todos os deuses se reuniam em uma grande assembleia, realizada no átrio do templo de **Enlil**. Sob a presidência de **An**, os deuses então tomavam decisões a respeito do governo do mundo. Malfeitores, humanos ou divinos, eram julgados e sentenciados. A assembleia podia depor reis e decretar a transferência de poder de um reino para outro, e até um dos deuses principais podia ser temporariamente banido. Os deuses também podiam, tomar medidas de emergência para evitar que eles próprios fossem destruídos.

Embora invisíveis para o olho humano, os deuses eram imaginados, conforme se pode ver por suas estátuas, como possuindo forma humana e também necessidades humanas. Muito antes de existir qualquer ser humano, eles habitavam o mundo que haviam modelado. Os deuses, e não os seres humanos haviam inventado a irrigação e a agricultura, e o fizeram para satisfazer suas próprias exigências. Além disso, no início, todos os deuses, com exceção dos quatro principais, haviam trabalhado na construção e na manutenção dos canais, na semeadura e na colheita. A humanidade só foi criada por **An** porque esses deuses se cansaram de trabalho tão árduo e depuseram as ferramentas. Todos reconheciam que uma função essencial da humanidade era desobrigar os deuses de suas tarefas. Isso determinava a atitude servil dos mesopotâmicos em relação a seus deuses.

As divindades mesopotâmicas precisavam ser alimentadas. E o mesmo se dava com seus consortes e filhos, que em geral tinham seus próprios templos, e com os sacerdotes e artesãos vinculados ao templo. Já no terceiro milênio as oferendas eram bastante generosas. Embora tudo isso significasse um fardo para a população, não há motivo para pensar que ela se ressentia – pois de que outra maneira os deuses teriam força para defender a cidade-Estado, e depois a nação-Estado, situada no centro do mundo ordenado?

O mundo era percebido como algo imutável na Mesopotâmia ela estava determinada por protótipos celestes. Desse modo, um templo mesopotâmico era uma réplica de um templo celeste – uma contrapartida terrena da morada sublime do deus. Enquanto tal era um vínculo entre o céu e a terra, uma afirmação do relacionamento duradouro entre as atividades terrenas e o mundo dos deuses.

Extraído de: COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**: as origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp.52-59.